

PERCEPÇÃO DE DEFICIENTES VISUAIS SOBRE SEXUALIDADE

Caroline Burtett⁴; Gláucia Moreno Pereira²; Talita Borges Castelão³

PERCEPTION OF THE VISUALLY IMPAIRED ON SEXUALITY

Resumo: Este estudo analisa a percepção de deficientes visuais sobre sexualidade humana. Trata-se de uma pesquisa descritiva, qualitativa. Participaram do estudo sete sujeitos de ambos os sexos. O instrumento utilizado na coleta de dados foi uma entrevista. O tratamento dos dados baseou-se na técnica de análise dos discursos. Os resultados indicam uma deficiência na educação sexual para o deficiente visual, pois não há informações suficientes vindas da família, escola ou outros grupos. Ainda assim, vivenciam sua sexualidade sem grandes dificuldades criando laços amorosos significativos. Na prática, desenvolvem o tato como sentido principal para descobertas sexuais. Embora discurssem facilmente sobre sexualidade, sentem necessidade de material acessível/tátil para melhor aprendizado. Os deficientes visuais ainda são vítimas de preconceito. Este é o maior impedimento para uma vivência plena da sexualidade. É preciso proporcionar uma maior reflexão das possibilidades reais que deficientes visuais possuem de serem completos em sua vida amorosa, afetiva e sexual.

Palavras-chave: Sexualidade. Deficiente Visual. Educação Sexual.

Abstract: This study examines the perception of the visually impaired on sexuality. It is a descriptive, qualitative research. Participants were seven subjects of both genres. The instrument used for data collection was an interview. Data analysis was based on the technique of discourse analysis. The results indicate that there is a deficiency in sex education for the visually impaired, for the information coming from family, school or other groups is not enough. In practice, they develop the sense of touch as the main tool for their sexual discoveries. Although their easy speech about sexuality, they feel the need of accessible / tactile material for better learning. Visually impaired people are still victims of prejudice. This is the greatest impediment to a full experience of sexuality. It is necessary to provide a further reflection of the real possibilities that the blind have to be complete in their loving, emotional, and sexual life.

Keywords: Sexuality. Visually Impaired. Sexual Education.

Introdução

A vivência da sexualidade perpassa os sentidos e cria marcas significativas na vida do sujeito. A visão é sem dúvida nenhuma, um órgão importantíssimo para a compreensão do mundo,

⁴ Acadêmica do Curso de Graduação em Enfermagem do Centro Universitário Adventista de São Paulo (UNASP). e-mail: carolineburttet@hotmail.com

² Acadêmica do Curso de Graduação em Enfermagem do Centro Universitário Adventista de São Paulo (UNASP).

e-mail: glauca.gmp@uol.com.br.

³ Doutora em Genética, Mestre em Sexualidade Humana. Docente do Curso de Enfermagem do Centro Universitário

Adventista de São Paulo (UNASP). e-mail: talita.castelao@unasp.edu.br.

pois dá sentido aos objetos, conceitua ideias e forma aprendizados. No âmbito sexual isso também acontece.

Muitas vezes a sexualidade vem acompanhada de preconceitos, mitos, dúvidas e inseguranças. Se isso pode ser considerado um obstáculo social para as pessoas dotadas de visão, as dificuldades e tabus podem ser ampliados quando o indivíduo é um deficiente visual.

A Organização Mundial da Saúde por meio da Classificação Internacional de Funcionalidade, Incapacidade e Saúde (CIF) (OMS, 2003), define deficiência como “problemas nas funções ou nas estruturas do corpo, com um desvio significativo ou uma perda.” (pg. 09). O Guia de Deficiência Visual do Ministério da Saúde (GIL, 2000) propõe que a visão é “o canal mais importante de relacionamento do indivíduo com o mundo exterior” (pg. 07). Neste sentido, quando a deficiência visual estiver presente, a família, a escola e a sociedade também podem (e devem) contribuir no sentido de ajudar no enfrentamento de obstáculos colocados pela deficiência.

Mesmo sem visão, os deficientes visuais não devem ser considerados como seres assexuados, sem desejos sexuais, como algumas pessoas acreditam. Para Bruns (2008), o olhar pode funcionar como um dado de aproximação, de sedução e de magnetismo no jogo erótico, constituindo uma linguagem universal de atração, mas também de indiferença ou aversão. Para a mesma autora, o olhar representa um estado inicial de atração, no momento seguinte à aproximação. Porém, há também outros sentidos aí envolvidos – tato, audição, olfato – que aliados, compõem a atração pelo objeto desejado como um todo. Assim, seria desumano pensar que os deficientes visuais também são deficientes sexuais.

Com base nessas referências e o desejo de conhecer mais profundamente esses deficientes, definiu-se como problema de pesquisa: qual a percepção dos deficientes visuais sobre sexualidade humana e como eles a vivenciam?

Acreditando que deficientes visuais podem vivenciar a sexualidade de forma plena, este trabalho de pesquisa teve como objetivo conhecer as percepções dos deficientes visuais sobre a sexualidade humana geral e identificar como eles traçaram seu desenvolvimento nesta área tão importante da vida.

Metodologia

Realizou-se uma pesquisa de caráter descritivo, com abordagem qualitativa (GIL, 2010). O local escolhido foi um Centro Universitário na Zona Sul de São Paulo que acolhe o Projeto de Inclusão Digital para Cegos. A amostra foi selecionada por tipicidade (MARCONI; LAKATOS,

2007) e incluiu sete indivíduos de ambos os sexos (três mulheres e quatro homens) que nasceram cegos ou adquiriram a deficiência visual, com idades entre 18 e 54 anos. Em relação ao estado civil, quatro eram solteiros, 02 eram separados e um era casado. Entre os participantes, três tinham filhos. Os deficientes visuais foram convidados a participar de forma voluntária da pesquisa, seguindo-se todos os aspectos éticos da Resolução 196/96 do Conselho Nacional de Saúde que regulamenta pesquisas em seres humanos. O instrumento usado foi uma entrevista focalizada com um roteiro de questões norteadoras sobre o tema (MARCONI; LAKATOS, 2007). As falas foram gravadas e analisadas segundo a proposta de Fiorin (1989) para análise do discurso.

Resultados – análise e discussão

Na apresentação dos resultados, para manter o anonimato, optou-se pela utilização da letra “S” para codificar os sujeitos e números arábicos para especificar qual sujeito (nome). Por exemplo: S1.

A análise dos discursos gerou a construção de subcategorias. As subcategorias originaram as categorias empíricas, permitindo melhor visualização dos fenômenos encontrados. Primeiramente, transcreveram-se os dados coletados a partir das falas dos sujeitos. Em seguida, procedeu-se a análise dos dados com base no referencial teórico-metodológico adotado, buscando-se assim revelar a essência dos depoimentos. Com a análise das frases temáticas foram construídas três categorias específicas que originaram diversas subcategorias. O Quadro 1 apresenta estes resultados.

Quadro 01. Categorias Empíricas e Subcategorias

CATEGORIAS EMPÍRICAS	SUBCATEGORIAS
1. Educação em Sexualidade	<ul style="list-style-type: none"> - Falta de informação - Aprendizado com familiares - Aprendizado na escola
2. Percepções em Sexualidade	<ul style="list-style-type: none"> - Namoros - Diferença antes e depois da perda da visão - Relação sexual - Prevenção às DSTs - Homossexualidade - Importância do tato - Criação de filhos

3. Desafios	<ul style="list-style-type: none"> - Lidar com o preconceito - Obter informações
-------------	--

1. Educação em Sexualidade

Perguntou-se aos deficientes visuais sobre a educação recebida em termos de sexualidade. Esta categoria gerou três subcategorias apresentadas a seguir:

• Falta de informação

Essa subcategoria teve como finalidade saber sobre a educação sexual recebida por pessoas com deficiência visual. Glat (2004, pg. 08) diz que justamente por não serem considerados seres humanos “completos” ou “normais”, a sexualidade de pessoas com deficiência ainda é ignorada, ou considerada um tabu.

- *Nós não ouvimos essa palavra na nossa casa [...], a gente aprendeu depois de grande. (S1)*
- *No meu tempo havia muita ignorância, entenda a ignorância do saber [...] eu não fui ensinada, tinha aquele tabu. (S3)*

Esses depoimentos demonstram as dificuldades que a família encontra para transmitir informações em sexualidade aos seus membros. Embora isto não seja uma exclusividade para os deficientes visuais, certamente a deficiência distancia mais ainda uma comunicação clara e precisa.

Segundo Lima (2010), os problemas e dificuldades de ordem sexual são construídos, desencadeados, mantidos ou pelo menos, sofrem grande influência da educação sexual recebida na família de origem. Esta educação deficiente muitas vezes está relacionada com a omissão, como se a sexualidade não fizesse parte da condição humana.

• Aprendizado com familiares

Apenas um discurso revelou a participação de familiares na educação sexual dos entrevistados, porém, de forma superficial.

- *Depois que minha irmã entrou na escola com 15 anos a professora da escola perguntou se minha mãe autorizava ela a ter uma aula sobre sexo. Ai foi quando ela aprendeu e contava pra mim. [...] Porque assim, eu tinha vergonha. (S2)*

Ainda neste depoimento fica claro que a família não assumiu como deveria seu papel formador e informador na área da sexualidade, ficando a pessoa com deficiência visual à mercê

das informações que eventualmente chegam por alguns membros da família, mas sem uma sistematização e responsabilidade nessa comunicação. Porém, com o passar do tempo, naturalmente eles vão aprendendo e se interessando de outras maneiras sobre assuntos de sexualidade.

Os pais têm medo da exploração de seus filhos por outras pessoas. Estes se preocupam com a possibilidade de uma gravidez ou paternidade precoce, problemas emocionais, doença ou uso de drogas, mas temem o diálogo, colocando-os como seres assexuados. Muitas vezes, deixam a responsabilidade dessa educação para a escola e os meios de comunicação. Dessa forma, muitas crianças e adolescentes com deficiência não recebem uma educação sexual que lhes possibilite vivenciar a própria sexualidade tranquilamente e ter informações sobre seu próprio corpo. Assim, a descoberta da sexualidade é permeada por indagações e respostas inadequadas. (BRUNS, 2008)

• **Aprendizado na escola**

Alguns entrevistados obtiveram a informação sexual pela escola ou pelos colegas no ambiente escolar, porém nada esclarecedor como se espera na formação do adolescente.

— *Na escola com a molecada. (S5)*

— *Na aula de ciência, o professor explicou mais ou menos. (S7)*

É dever de todas as entidades educacionais promover acesso e educação aos portadores de deficiências. De acordo com a Constituição Federal (BRASIL, 1988, p.01),

Educação é direito de todos e visa o desenvolvimento pleno, o preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho, bem como a igualdade de condições para o acesso e permanência na escola, sendo dever do estado o atendimento educacional às pessoas com deficiência.

Segundo Corrêa e Lorencini (2009, pg. 04) é importante que a escola esteja atenta às manifestações das sexualidades dos alunos, não para reprimi-los, mas para orientá-los quanto ao respeito pelas diferenças individuais, as tomadas de decisões em relação aos outros e a si mesmo.

2. Percepções em Sexualidade

Na continuidade das entrevistas, procurou-se entender a percepção sobre sexualidade que o deficiente visual construiu durante sua vida, apesar do preconceito imposto pela sociedade. Dessa forma abordaram-se temas bem relevantes para tal categoria, dando origem a sete subcategorias.

• Namoros

Os seres humanos estão inseridos em uma sociedade na qual é fundamental a comunicação e a interação com os outros. O mesmo acontece com os deficientes visuais, sobretudo se o aspecto é a interação emocional proporcionada pelo namoro.

- *Namorei e namoro até hoje.* (S3)
- *Sempre tinha mais do que uma namorada, tinha época que tinha quatro namoradas.* (S6)
- *Os namoros eram normais. Eu não tinha aquela sede (aaaaaaaai) tipo tatuar 100%. Braille 100%* (S7)

O anseio de se lançar em um relacionamento e uma vida amorosa significativa, prazerosa e autêntica, evidencia que fomos feitos ao prazer, fantasias e desejos sexuais (BRUNS, 2008). A análise desses relatos revela que, entre os participantes, em relação ao namoro, não houve comprometimento advindo da deficiência visual, uma vez que todos relataram terem relacionamentos dessa natureza.

• Diferença antes e depois da perda da visão

A mudança física, após alguma patologia ou causa qualquer, ocorrida durante a vida, é motivo de adaptação do ser humano frente à nova situação. Para alguns, isso significa deixar de praticar algumas atividades e repressão de alguns desejos. Já, para outros, isso é motivo de superação, se adaptando às novas circunstâncias e aprendendo a viver com os mesmos prazeres.

- *Eu parei de enxergar e parei de me relacionar.* (S1)
- *Não tem diferença nenhuma. Às vezes acontece que você tem até mais que uma pessoa normal porque a pessoa normal vai muito pela fisionomia e nós pelo toque.* (S3)
- *Diferença? Não pra mim não teve diferença nenhuma. Não, a diferença é que a gente não vê a pessoa, mas a gente imagina né? [...] Inclusive, acho que parece que eu conheci muito mais mulher do que antes de perder a visão.* (S4)

Vash (1991), discorrendo sobre sexualidade e intimidade de deficientes, ressalta que o impulso sexual não desaparece com a deficiência. Assim, quando a sexualidade deixa de ser vivenciada pela deficiência visual, isto não significa que o indivíduo está comprometido em suas capacidades sexuais, mas sim que, a limitação da deficiência visual inibiu as possibilidades ou a segurança que o indivíduo sentia anteriormente. Por isso é preciso criar oportunidades para que ele discuta e reflita sobre sua vida e sexualidade e ouse novos caminhos frente à sua nova

condição. Entretanto, ficou claro que a maioria dos deficientes visuais não relatou sentir nenhuma diferença significativa na forma de se relacionar. Esses depoimentos deixam claro que os cegos participantes deste estudo vivenciam sua sexualidade igualmente aos dotados de visão.

• **Relação sexual**

Ao analisar esse tópico, teve-se a intenção de entender qual a opinião dos deficientes visuais com relação ao sexo propriamente dito.

- *É importante, mas é na hora certa, no lugar certo, com a pessoa certa. Não é ter relação por aí. Relação sexual é um contato íntimo entre um homem e uma mulher [...] quanto ao relacionamento sexual faz parte do namoro, eu acho que isso é importante. (S1)*
- *Eu acho importante, a pessoa se guardar pra quando for o casamento, pro marido, quando se casar. (S2)*
- *Com uma pessoa que você ama, que você gosta, que você tem carinho, é diferente. (S3)*
- *Gosto muito de sexo. Claro que com 50 anos a gente não diminui de gostar né, mas a gente encara de outra forma [...] Eu gosto de fantasiar, de brincar bastante, gosto de sentir a mulher né, a pele, o cabelo, tudo isso é muito importante, inclusive pra gente que não enxerga. A gente transmite uma coisa para a mulher e ela transmite pra gente, diferente até do que quando a gente vê né? Quando a gente vê, às vezes nem precisa muito dessas fantasias né? (S4)*
- *Tem que casar virgem porque é o que Deus determinou né? (S7)*

As falas revelam igualdade de pensamento sobre a importância da relação sexual e a valorização desse momento na vida íntima. Porém, alguns discursos revelaram diferenças quanto ao momento de praticar o ato sexual, antes ou após o casamento (é interessante ressaltar que os participantes que relataram ser importante o ato sexual após o casamento são tanto indivíduos jovens como adultos). Há grande similaridade na forma de pensar sexualidade entre deficientes visuais e pessoas comuns. Ou seja, todos consideram a relação sexual algo importante no relacionamento amoroso. Consideram que precisa haver interação, afetividade, confiança, etc. Camilla Bezerra (2007, pag. 03), afirma que “as pessoas com deficiências não têm nenhuma necessidade especial em relação a sexo que os demais também não apresentem”. Mas fica claro que as crenças individuais de cada um, vão direcionar o momento e a circunstância em que essa atividade sexual vai acontecer.

• **Prevenção às DSTs**

Ao abordar este tema, teve-se a intenção de compreender qual a percepção, que os deficientes visuais possuem, sobre as Doenças Sexualmente Transmissíveis (DSTs) e se conhecem as formas de se prevenir. Os relatos foram:

- *Essa questão de prevenção é muito importante mesmo. Acho que tem que se prevenir de todas as formas, acho que tem que ser bem conversado, bem esclarecido, porque muitas vezes a pessoa acaba caindo por uma bobeira, contraindo uma doença. (S1)*
- *Eu não faço sem camisinha. (S5)*
- *Quando eu era adolescente eu sempre tomei cuidado de nunca ejacular ali perto da vagina, eu tirava. Não usava essas coisas não. Quando adolescente não se falava em AIDS, a única preocupação que se tinha era com gonorréia, sífilis, e essas coisas, mais a gonorréia [...] como era sempre com uma conhecida, a gente nunca pensa que elas poderiam ter algum tipo dessa doença né? (S6)*
- *A única que eu conheço mesmo, que eu estudei, pesquisei foi sobre a AIDS. (S7)*

As pessoas com deficiência visual percebem a importância da prevenção contra DSTs. Ainda assim, alguns apresentam um vago conhecimento sobre essas doenças e carregam crenças equivocadas sobre a prevenção, como por exemplo, a idéia de que uma “pessoa conhecida” não pode estar contaminada. De fato, há ainda um déficit de conhecimento sobre DSTs, necessitando-se uma orientação mais aprofundada. Esses relatos mostram que os profissionais de saúde precisam criar espaços para uma educação sexual real na busca da compreensão dos riscos e tomada de medidas preventivas efetivas para este público.

Segundo o Boletim Epidemiológico do Ministério da Saúde (2009, p. 09), “em 1997 o coeficiente de mortalidade por AIDS, estava em 11,9 por 100.000 habitantes. Em 2009, foi padronizado em 6,2 óbitos, com tendência a diminuição”. Porém, os dados se estabilizaram. Isso revela que deve-se trabalhar contra as Doenças Sexualmente Transmissíveis com toda a população, sem exclusão.

• **Homossexualidade**

Quando indagados a respeito de homossexualidade, as respostas dos cegos foram:

- *Eu não condeno, mas eu sei que não é uma coisa certa. Deus criou Adão e Eva e não Adão e Ivo, então assim, ele criou homem e mulher. (S1)*
- *Eu acho assim, que o que Deus fez foi homem e mulher. (S3)*
- *Eu não falo nem contra nem a favor, mas não é minha praia. Eu acho que mulher tem que transar com homem e homem com mulher, a natureza é essa. (S4)*
- *Não sou contra não. Cada um é cada um. Não gosto de bicha. Homossexual não tem nada, mas aqueles bichas, uns caras afetados, ah não, da licença, ai não vai não. (S5)*
- *Nossa! Isso é totalmente errado. Se Deus deixou o homem pra mulher e a mulher pro homem, pra que? Não tem como ter filho assim. (S7)*

Quanto à realidade observada, há aqueles que não se agradam da orientação sexual oposta por adotarem um princípio religioso. Outros possuem um preconceito a respeito desse assunto, preferindo evitar o contato.

A discriminação, a seu turno, é a ação ou omissão baseada em critérios injustos, tais como raça, cor, sexo, idade, estado civil, religião etc., que viole direitos da pessoa. Pode-se dizer que a discriminação é a exteriorização ou a materialização do preconceito, que pode decorrer tanto do racismo, quanto do estereótipo. (LOPES, 2009).

Falas como: “*Não gosto de bicha*”, “*Nossa! Isso é totalmente errado*”, fica evidente que alguns dos cegos entrevistados possuem preconceitos contra homossexuais, assim como grande parte das pessoas de um modo geral.

• **Importância do tato**

Sobre a sensibilidade ao toque durante um relacionamento com o sexo oposto foi colocado:

- *Esse desejo do toque é assim uma coisa de louco mesmo [...] toque me excita.[...] o tato é os nossos olhos.* (S1)
- *A pessoa normal vai muito pela fisionomia e nós pelo o toque.* (S3)
- *Quando você tateia, você tá sempre buscando uma referência. Sempre procuro formar uma imagem daquilo que eu estou tateando.* (S5)
- *Como a gente depende dele, ele é mais sensível, ele é mais aguçado. Como a gente tá o tempo inteiro usando ele, é bem mais desenvolvido.* (S6)

Os cegos entrevistados concordam entre si que o tato é um sentido mais desenvolvido, possibilitando sensações diferenciadas que os agradam. É por meio dele que os deficientes visuais sentem e apreciam seus companheiros.

Para Griffin e Gerber (1999), a ausência da modalidade visual exige experiências alternativas de desenvolvimento, a fim de cultivar a inteligência e promover capacidades sócio-adaptativas. O ponto central desses esforços é a exploração do pleno desenvolvimento tátil.

• **Criação de filhos**

Para os entrevistados que possuíam filhos, perguntou-se como foi criá-los, frente à ausência de visão.

- *Dá pra cuidar tranquilo. [...]pra dar banho é só por o dedinho pra ver se a água está quente. Experimentar antes a comida pra ver se dá pra dar pra ele. A gente vai se ajeitando com a ajuda dos amigos, irmãos, né? (S1)*
- *Eles nos ajudam bastante, porque os filhos ajudam quando crescem. (S2)*
- *Na verdade é meio complicado, porque o filho ele pode, dependendo do grau de visão que o pai e a mãe têm, ele pode tentar tapiar, esconder, pegar dinheiro. (S7)*

Constata-se certa complexidade de situações vivenciadas pelos pais cegos quando amamentam, alimentam, banham e administram medicamentos. Mesmos os pais cegos, desenvolvem estratégias criativas no cuidado com os filhos com o uso do olfato e do tato, o apoio de familiares e vizinhos. (PAGLIUCA; UCHOA; MACHADO, 2009). Essa citação confirma que barreiras existem, mas de acordo com suas falas, eles as superaram e conseguiram de maneira louvável educarem os seus.

3. Desafios

• Lidar com preconceitos

Os seguintes depoimentos revelaram o esforço e as dificuldades enfrentadas pelos deficientes visuais para estabelecer uma relação igualitária com o outro.

- *O próprio deficiente, ele é preconceituoso. (S1)*
- *Enfrentei preconceitos da própria igreja. (S3)*
- *Eu já sofri sim preconceitos. Mas não é porque o mundo tem preconceitos, que você vai deixar de se relacionar. (S4)*
- *Os amigos começaram a questionar muito sobre essa questão da minha deficiência [...] até mesmo o pastor da igreja disse que se ela decidisse casar comigo ele não iria fazer o casamento. (S6)*
- *Os moleques brincam muito, mas eu não ligo não. Eu levo na brincadeira. (S7)*

Preconceito é um tema que atualmente possui muitas indagações e opiniões diversas. Os deficientes visuais ainda são alvo de pessoas que acreditam que, por possuírem uma deficiência, são seres assexuados e/ou inferiores.

No contexto da inclusão social, Grewal (2011) relata que na maioria das escolas, não há a preocupação em tratar do assunto preconceito nas salas de aula e de mostrar a alunos como ideias preconcebidas de forma automática, muitas vezes, prejudicam os relacionamentos.

As diferenças precisam ser enfrentadas. O autor Falcão (2006) cita que enfrentar a diversidade entre os seres humanos é desafio cotidiano que não acaba com o passar dos anos. No

entanto, essa diversidade não deve ser considerada uma barreira e distanciamento entre os seres humanos, e sim um estímulo para a inclusão social.

- **Obter informações**

A sexualidade é um tema com poucas publicações, poucos registros e poucos materiais didáticos para os deficientes visuais. As falas a seguir demonstram essa necessidade de material e informação.

- *Eu acho que tem muita coisa que a gente deixa de saber pelo fato de não enxergar. Porque tem coisa que você assiste na televisão, lê na revista, no jornal, e tem coisa até que você ouve. Mas a gente não tem acesso de ficar ouvindo, ouvindo e ouvindo e acaba perdendo algumas informações [...] deveria ter um material que a gente pudesse tocar e uma palestra, você mostrando o material e falando ao mesmo tempo. (S1)*
- *Deveria ter mais informação, porque nem todos têm a sabedoria de como se comportar sexualmente. (S3)*
- *Eu acho que o sexo é uma coisa muito pessoal. Tem coisas que a gente vai descobrindo ate com o tempo [...] teria que ser educado sim, esclarecido sim, tanto na casa como na escola. (S5)*
- *Ah! Os pais tinham que dar uma pequena introdução né? Porque a educação vem de casa. (S7)*

Para Glat (2004), jovens que possuem alguma deficiência, em geral, não recebem orientação em casa, e devido seus déficits cognitivos e/ou sensoriais, têm dificuldade de entender ou apreender as informações veiculadas pelos meios de comunicação sobre sexualidade. Afirma ainda que a sexualidade faz parte da vida de qualquer jovem. Logo, é preciso orientá-los para poderem vivenciá-la de forma apropriada, sem colocá-los em situações vexatórias e/ou constrangedoras.

Considerações finais

A perda da visão delimita muito o espaço físico, mas não limita outras formas de percepção. Os deficientes visuais encaram de uma maneira natural e com grande autoconfiança as questões ligadas à sexualidade. Utilizam muito do tato, tanto para se autoconhecerem, como para perceberem o mundo exterior.

Demonstram possuir uma grande barreira educacional, sendo assim, é preciso que os pais, os educadores e profissionais de saúde, ao invés de utilizar somente os manuais, as receitas, as teorias formuladas e prontas, conheçam como os deficientes visuais estão vivenciando a sua sexualidade e com base nessa informação, criem espaços para uma educação sexual eficaz.

Através das entrevistas, os deficientes visuais demonstraram ter uma saúde sexual adequada e vivenciar plenamente a sua sexualidade, mas somente uma nova reflexão sobre esta questão ampliará a dimensão do que é viver e conviver com uma deficiência visual.

Familiares, educadores e profissionais da saúde possuem um papel muito importante que é de cuidar do indivíduo. Essa responsabilidade de transmitir os conhecimentos sobre sexualidade também é dada a nós da área da enfermagem, buscando diminuir seus conflitos, ansiedades, e esclarecendo suas dúvidas.

Referências

BEZERRA, C. P. **A Vivência da Sexualidade por Adolescentes Portadoras de Deficiência Visual**. 2007. Dissertação- Pós-Graduação em Enfermagem – Universidade Federal do Ceará (UFC), Fortaleza, 2007.

BRASIL. **Boletim epidemiológico AIDS**. Brasília, p.9, 2009.

BRASIL. **Constituição**. Brasília: Senado Federal, 1988.

BRUNS, M. A. de T. **Sexualidade de cegos**. São Paulo: Átomo, 2008. 88p.

CORRÊA, M.; LORENCINI, A. **Escola: espaço de construção da sexualidade e aperfeiçoamento da cidadania**. Londrina, 2009. Disponível em: <<http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/1876-8.pdf>>. Acesso em: 04 out. 2011.

FALCÃO, J. L. M. F. A formação do professor para a inclusão: desafios e reflexões. **AMAE Educando**, Belo Horizonte, n. 343, p.21, Out. 2006.

FIORIN, F. L. **Elementos de análise do discurso**. São Paulo: Contexto/EDUSP, 1989.

GIL. A.C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 5 ed. São Paulo: Atlas, 2010.

GIL, M. **Deficiência visual**. Brasília: MEC, 2000.

GLAT, R. **Saúde Sexual, Deficiência e Juventude em Risco**. Rio de Janeiro: Banco Mundial Brasil, 2004.

GREWAL, D. As raízes do preconceito. **Mente & Cérebro**, São Paulo, n. 226, p.50- 53, Nov. 2011.

GRIFIN, H. D.; GERBER, P. J. Desenvolvimento tátil e suas implicações na educação de crianças cegas. **Revista Benjamin Constant**. Rio de Janeiro, v. 05, p. 1-5, 1999.

LIMA, C. **O papel da família no processo de construção da sexualidade**. Disponível em: <www.portaldasexualidade.com.br>. Acesso em: 16 nov. 2010.

LOPES, O. B. **A questão da discriminação no trabalho**, Brasília, 2009. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/revista/Rev_17/Artigos/art_otavio.htm>. Acesso em: 08 nov. 2011.

MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. M. **Metodologia Científica: Ciência e conhecimento científico. Métodos científicos. Teoria, hipóteses e variáveis. Metodologia jurídica**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2007.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. **Classificação Internacional de Funcionalidade, Incapacidade e Saúde (CIF)**. São Paulo: Lisboa, 2003.

PAGLIUCA, L. M. F.; UCHOA, R.S.; MACHADO, M. M. T. **Pais cegos: experiências sobre o cuidado dos seus filhos**, São Paulo, março-abril 2009. Disponível em: <www.eerp.usp.br/rlae>. Acesso em 08 nov. 2011.

VASH, C. L. **Enfrentando a deficiência: a manifestação, a psicologia, a reabilitação**. São Paulo: EDUSP, 1991.

Bibliografia consultada

ALEGRE, P. A. C. M. **A cegueira e a visão do pensamento**. 2003. Dissertação de Mestrado - Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo. 2003.

FRANÇA, I. S. X.; BAPTISTA, R. S. **A construção cultural da sexualidade brasileira: implicações para a enfermagem**, Brasília, mar./abril 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S003471672007000200014> Acesso em: 09 set. 2011.

GOFMAN, E. **Estigma: Notas sobre a Manipulação da Identidade Deteriorada**. 4 ed. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1988.

MAURI, G. R. Relação entre imagem e a sexualidade humana. Acta Científica UNASP. São Paulo, Vol 02, n.º 11, 2006. Disponível em: <<http://www.unasp-ec.com/revistas/index.php/actacientifica/article/view/356>> Acesso em : 10 agosto 2011. Nome da revista??

NUNES, S.; LOMÔNACO, J. F. B.; O aluno cego: preconceitos e potencialidades. **Revista Semestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional**, São Paulo, v. 14, n. 1, p. 55-64, jan./jun. 2010.